

JULES VERNE NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

Pedro Paulo Garcia Ferreira CATHARINA
Edmar GUIRRA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)
pp-conde@uol.com.br

Resumo: O século XIX é marcado pelo crescimento exponencial da circulação de impressos. A leitura de jornais e revistas se tornou um hábito cada vez mais disseminado, fato frequentemente evocado na obra de Jules Verne (1828-1905). Ligada diretamente à modernidade, ao ambiente urbano, à consolidação da nação e à formação da opinião pública, a expansão do mercado editorial do impresso periódico esteve no centro da formação da sociedade de massas. Nesse contexto, o diálogo entre a literatura e a imprensa é prolífico. Ambos os campos se beneficiam dessa relação. Em uma perspectiva transatlântica, objetivamos apresentar dados do mapeamento realizado sobre a circulação do nome e da obra de Jules Verne e sua recepção crítica em jornais do Brasil.

Palavras-chave: Jules Verne. Circulação transatlântica de Impressos. Literatura e Imprensa.

JULES VERNE IN THE NINETEENTH-CENTURY BRAZILIAN PRESS

Abstract: The XIXth century is marked by the exponential growth of the circulation of printed works. The reading of newspapers and magazines became a more and more spread habit; this fact is frequently evoked in the works of Jules Verne (1828-1905). Directly linked to modernity, to the urban environment, to the nation consolidation and to the formation of public opinion, the expansion of the publishing market of periodic printings was in the center of the structure/formation of mass society. In this context, the dialog between literature and the press is prolific. Both areas benefit from this relationship. In a transatlantic perspective, we intend to show the data concerning the circulation of Jules Verne's name and work and its critical reception in the Brazilian newspapers.

Key-words: Jules Verne. Transatlantic circulation of printed works. Literature and the Press.

Introdução

Muito se conhece sobre os bem-sucedidos romances de aventura que sustentam a reputação de Jules Verne (1828-1905) como a de um “escritor juvenil”, “pai da ficção científica”, “inventor futurista” ou “escritor à frente de seu tempo”. Pelo número de exemplares vendidos no ano de 2005, centenário de sua morte, Jules Verne foi considerado o quarto escritor francês mais lido no mundo e é, frequentemente, o campeão dos autores mais traduzidos todos os anos (DUSSEAU, 2005, p. 9). Ainda no século XXI, esse fenômeno é alimentado por outros gêneros quando ganha o universo da história em quadrinhos, ou por outros suportes como os jogos de RPG e videogame, promovendo um “novo gênero” – o *Steampunk* – que mistura ciência e nostalgia, cujo maior exemplo é o filme *A liga extraordinária* de Stephen Norrington, lançado em 2003. Nesse filme, Allan Quatermain (*As minas do rei Salomão*), Tom Sawyer (*As aventuras de Tom Sawyer*), Dorian Gray (*O retrato de Dorian Gray*), o capitão Nemo (*Vinte mil léguas submarinas*) e alguns outros personagens embarcam a bordo do submarino Nautilus para viverem uma aventura em Veneza.

No século XX, graças à picturalidade de suas tramas, a notoriedade de Verne já havia ganhado força com as inúmeras adaptações cinematográficas que se iniciam em 1901 com o filme *Os filhos do capitão Grant*, baseado no romance homônimo de Verne, realizado por Ferdinand Zecca, seguido pelas diversas películas de Georges Méliès e muitos outros realizadores.



Viagem à lua (Le Voyage dans la lune), de Georges Méliès – 1902

Embora tenha gozado pouco de seu sucesso no cinema, o autor dos sessenta e quatro romances de aventura conhecidos como *Viagens extraordinárias* obteve grande sucesso de vendas durante o período que compreende parte do Segundo Império e a Terceira República na França. Famosos pela edição em capa vermelha, douradura nas páginas e inúmeras ilustrações elaboradas por Georges Roux, Léon Benett, Édouard Riou e Alphonse de Neuville, esses romances talvez não tivessem tido êxito se não fossem as relações estreitas do autor com Jules Hetzel (1814-1886), seu editor, e suas ações empreendedoras no mundo da edição e no campo literário.

O sucesso dos romances de Verne começa em 1862, quando o escritor apresenta ao editor Jules Hetzel o manuscrito de um romance intitulado *Viagem no ar – uma descoberta da África desconhecida, sobrevoada por um balão manobrável*. Escrito como um autêntico relato de viagem, o texto leva Hetzel a pensar ter encontrado o escritor para seu futuro projeto pedagógico-editorial, o *Magasin d'éducation et de récréation* – revista de publicação quinzenal composta por textos agradáveis e divertidos, além de didáticos e instrutivos. Devido ao sucesso de vendas do romance que, na verdade, ganharia o título *Cinco semanas num balão*, um contrato é assinado e Jules Verne pôde, finalmente, começar a viver da sua literatura. Um mútuo interesse caracteriza, portanto, a associação entre escritor e editor. Esboçam-se assim as diretrizes gerais fundadoras da obra romanesca de Jules Verne, dentre as quais se destaca a utilização de fontes temáticas pinçadas da História, da Ciência e das descobertas da sua época.

Uma pesquisa mais aprofundada dos romances e suas primeiras vias de publicação revela que, com ajuda de Hetzel, Verne teve toda sua obra publicada ao longo de quarenta e um anos em formato de folhetim não só no *Magasin d'éducation et de récréation*, no qual publicou quarenta e um de seus romances, mas também em diversos jornais que circulavam durante parte do Segundo Império e na Terceira República na França. Vivendo na chamada “civilização do jornal” (KALIFA et alii, 2011), Verne soube se adequar a ela, sendo ele próprio um leitor marcado pelos modos de produção e circulação dos impressos por ela engendrado: “Leio vinte jornais por dia”, confia alguns meses antes de morrer ao jornalista Charles Dawban (COMPÈRE & MARGOT, 1998, p. 207). Como poderia ser diferente para um homem que assistiu ao desenvolvimento do poder da

imprensa, da qual tanto se beneficiou e evocou em seus romances? Para Verne, a imprensa funcionou não somente como fonte de pesquisas para a realização dos seus romances, mas também como cadinho das *Viagens extraordinárias* e vitrine para a editora Hetzel com seu *Magasin*. Portanto, seu renome se deve, entre outros, à larga difusão que a imprensa permitiu. Através dela, autor e obra poderão ultrapassar as fronteiras do continente europeu, atravessar o Atlântico e alcançar países como o Brasil, ainda no século XIX.

Prova da internacionalização da obra de Verne, as notícias em grande parte inéditas retiradas da imprensa brasileira em pesquisa efetuada junto à Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>), permitem não apenas atestar a presença do nome de Jules Verne e sua obra no Brasil, como conjecturar sobre sua possível contribuição para a formação da literatura juvenil brasileira, como foi sinalizado por Andréa Borges Leão (LEÃO, 2012, p. 494-517).

Para investigarmos as trocas culturais no domínio da imprensa brasileira no que diz respeito ao escritor Jules Verne, partimos do pressuposto de que a imprensa não se constituiu de maneira autônoma, mas como um sistema de relações, nos quais as atividades dos mediadores – livreiros, editores, proprietários de jornais, escritores, tradutores, jornalistas etc. – e das instituições – bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, editoras etc., ocupam lugar central. Exploramos, assim, as publicações que envolvem o nome de Jules Verne e sua obra, através de seus mediadores e instituições, afim de conhecer a inserção do escritor no campo literário brasileiro da segunda metade do século XIX.

O sítio da Hemeroteca Digital Brasileira nos permite delimitar a pesquisa por periódico, por período ou por local. Dessa maneira, na pesquisa por período, cinco décadas foram selecionadas, já que compreendem o período da produção romanesca de Jules Verne na França e a primeira circulação de seus romances. O escritor inicia a escrita das tramas que compõem as *Viagens extraordinárias* em 1863 publicando *Cinco semanas num balão*, e para de escrevê-las somente no ano de sua morte, em 1905. No quadro abaixo vê-se o número de ocorrências do seu nome em periódicos brasileiros por décadas, perfazendo um total de 3692 ocorrências encontradas até o momento.

Década	Número de ocorrências
1860-1869	15
1870-1879	72
1880-1889	1904
1890-1899	690
1900-1909	1011

A primeira ocorrência que evidencia a circulação do nome de Verne no Brasil foi encontrada no *Jornal do Brasil* de 23 de janeiro de 1867 e se refere à publicação do romance-folhetim *As aventuras do capitão Hatteras no polo Norte*. O número se eleva nas décadas de 1880, 1890 até a primeira década do século XX, em várias modalidades de textos. Desse vasto material, classificamos as notícias encontradas em quatro categorias: anúncios de lançamento e venda de romances em livrarias; notícias sobre o gênero ou público leitor; alusão a temas, personagens e títulos; e curiosidades ou notícias biográficas, às quais recorreremos neste artigo.

1. Anúncios de lançamento e venda de romances em livrarias

As primeiras notícias sobre o lançamento de romances de Jules Verne em volume em terras brasileiras datam de 1874, aproximadamente dez anos após a publicação na França de seu primeiro romance – *Cinco semanas num balão*. São numerosos os anúncios de venda de romances de Verne em jornais brasileiros. As notícias atestam que de 1874 a 1909 os romances de Jules Verne circulavam na região Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do país, podendo ser encontrados no Amazonas, Maranhão, Fortaleza, Bahia, Santa Catarina e Rio de Janeiro.¹

A primeira notícia encontrada saiu no *Publicador Maranhense* de 24 de fevereiro de 1874 e dá “os emboras ao digno Sr. B. L. Garnier, infatigável em dotar as nossas livrarias e bibliotecas de bons e belos livros, editor de *Cinco semanas em balão* [...] uma produção do muito estimado escritor Jules Verne”. Embora o enfoque da notícia seja parabenizar o editor e anunciar o romance, não há menção ao local de venda; no entanto, é acompanhada por um longo resumo da trama. O mesmo jornal publica em 18 de outubro do mesmo ano uma lista de

¹ Para uma melhor visualização, utilizamos as terminologias atuais no que diz respeito às regiões do Brasil. No entanto, sabe-se que a primeira proposta de divisão do país em grandes regiões data de 1913 e o contorno atual, somente de 1969.

quinze livros “acabados de chegar” ao Gabinete Português de Leitura, no Maranhão, na qual vemos figurar *Vinte mil léguas submarinas* (1870) como o único romance francês recebido. Essa notícia é a única, até o presente momento, que permite provar a presença de um romance verniano em um gabinete de leitura.

No montante das ocorrências, há repetição de títulos de romances vernianos postos à venda em livrarias e anunciados em um jornal. Por exemplo, *O Apóstolo*, diário católico carioca que além de notificar os fiéis dos eventos religiosos também informava sobre os acontecimentos da Corte, do Brasil e do mundo, na “Seção de Anúncios”, publicou durante quase todo o ano de 1878 uma lista de livros vendidos na Livraria Católica, situada no número 16 da Rua do Ouvidor: “Acham-se à venda na tipografia obras de todos os autores recomendáveis, e por isso dignas de serem lidas, por preços cômodos”. Normalmente, depois desse anúncio, publicava-se, quase que diariamente, uma lista de romances ocupando duas ou três colunas do jornal, na qual chegou a figurar de uma só vez vinte e um títulos de Verne (nº 39 de 5 de abril de 1878). Para o caso específico do jornal *O Apóstolo*, ou casos semelhantes, consideramos que a repetição encontrada significa que a livraria manteve à venda romances de Jules Verne pelo período mencionado e que o anúncio no jornal podia atingir leitores diferentes em momentos distintos, ou seja, que a repetição dos títulos vendidos marca a manutenção do nome do autor no campo literário brasileiro ao longo do ano de 1878.

Em geral, os jornais cariocas como a *Gazeta de Notícias*, *O Mequetrefe*, *Cidade do Rio*, ou o fluminense *Mercantil*, assim como o amazonense *Jornal do Amazonas*, quando não publicam uma lista de livros de Jules Verne editados por B. L. Garnier indicando a livraria Garnier no 65 da Rua do Ouvidor como local de venda, o fazem indiretamente, agradecendo um exemplar recebido. Por exemplo, não é raro lermos notas do gênero: “O Sr. B. L. Garnier, livreiro-editor, acaba de obsequiar-nos com um volume de *Michel Strogoff* escrito pelo festejado romancista Jules Verne” (*Jornal do Amazonas*, 15 de março de 1877), ou ainda: “Recebemos e já lemos o último romance de Jules Verne, *O Raio verde*, que nos foi oferecido pelo editor Garnier” (*O Apóstolo*, 24 de janeiro de 1883).

Nem todos os jornais anunciam a livraria Garnier como local de venda, pois a folha católica *O Apóstolo*, apesar de trazer em suas páginas o recebimento de alguns volumes por esse editor, possui sua própria livraria. Assim, quando *O Apóstolo* noticia a venda de um romance de Verne, indica a Livraria Católica no 16 da Rua do Ouvidor como local de venda. Conjecturar sobre essa concorrência se torna ainda mais interessante quando mencionados os nomes dos tradutores dos romances. Diferentemente da livraria de Garnier que verte as tramas de Verne para o português com o auxílio de Sr. Fortúnio, do Sr. Brasília e de J. M. Vaz Pinto Coelho, os volumes da Livraria Católica são traduzidos exclusivamente por Antônio José Ferreira dos Reis. Até aqui, as referências não nos permitem delinear uma relação entre as duas livrarias. No entanto, sabe-se que a Editora Garnier não detinha exclusividade para traduzir, editar e distribuir os romances de Jules Verne no Brasil (LEÃO, 2012, p. 498-499), o que poderia indicar a existência de uma tradução própria da Livraria Católica.

No que tange ao preço dos livros de Jules Verne no Brasil, parece haver uma grande homogeneidade: sem que haja menção ao formato do livro, não há nenhuma ocorrência em nenhum ano que distinga de \$2.000 a brochura e \$3.000 o valor do volume encadernado. Tanto a Livraria Garnier quanto a livraria revendedora das traduções Garnier em Fortaleza² e a Livraria Católica oferecem os modelos “brochura” e “encadernado” dos romances de Verne e os vendem pelos mesmos valores. Isso aponta provavelmente para duas faixas econômicas do público leitor dos romances de Verne. Não encontramos, nesse tipo de notícia, menção à presença de ilustrações.

A larga difusão da obra de Jules Verne no Brasil corrobora a hipótese do “simultaneísmo” e da globalização da cultura no século XIX (ABREU, 2011). Analisando as datas de lançamento dos volumes na França e no Brasil e os títulos dos romances de Verne que circulavam no Brasil até o ano de 1878, é possível afirmar que todos os títulos do escritor publicados na França já tinham sido traduzidos para o português e se encontravam à venda. Até abril de 1878,

² Trata-se da Livraria e Papelaria de Joaquim José de Oliveira e Cia. que menciona receber as traduções da casa Garnier para venda. As notícias que comprovam essa informação são encontradas no jornal *Pedro II*, diário que circulava em Fortaleza. Temos, por exemplo, na página 4 do número de 9 de agosto de 1874, o anúncio da chegada de *Os filhos do capitão Grant*, *Viagem ao centro da Terra*, *Viagem ao redor do mundo em 80 dias* e *A terra das peles*; e ainda na página 5 do número de 1 de janeiro de 1887 que anuncia *Os piratas do arquipélago*.

Verne já havia publicado 17 títulos em volume pela editora Hetzel. No Brasil, no mesmo ano, os mesmos 17 títulos já se encontravam à disposição do público leitor. O anúncio de *O Apóstolo* de 5 de abril de 1878 reúne em duas colunas os 17 títulos vendidos pela Livraria Católica. Naquela data, o último volume de Verne publicado na França tinha sido *As Índias negras*, em abril de 1877. Isso nos permite dizer que o romance levou um ano para chegar ao Brasil e ser traduzido para o português pela Livraria Católica que, aqui se conjecturou, seria concorrente da Livraria Garnier. No entanto, esse tempo é ainda mais curto se observarmos as notícias sobre “Títulos recém-chegados” de outros jornais ou do próprio *O Apóstolo*, em outros anos, como apresentado no quadro abaixo:

Romance	Publicação na França	Publicação no Brasil	Tempo decorrido entre publicações
<i>Michel Strogoff</i>	Agosto de 1876	Outubro de 1876 (<i>Mercantil</i>)	3 meses
<i>Um capitão de 15 anos</i>	Novembro de 1878	Janeiro de 1879 (<i>O Apóstolo</i>)	3 meses
<i>A Jangada</i>	Novembro de 1881	Janeiro de 1882 (<i>Gazeta de notícias</i>)	3 meses
<i>Soberbo Orenoque</i>	Novembro de 1898	Janeiro de 1899 (<i>Cidade do Rio</i>)	3 meses

Apesar de não se poder generalizar, nota-se uma regularidade no tempo despendido para a tradução e publicação desses volumes de Verne. No entanto, pode-se dizer que a rapidez da publicação está aliada ao sucesso de vendas de Verne na França e à crescente popularidade do autor no Brasil. Nesse sentido, é compreensível a frequência com que se ressalta o trabalho do “infatigável” ou “incansável” Sr. B. L. Garnier.

2. Notícias sobre o gênero e o público leitor

Ainda com relação às notícias sobre os anúncios de venda de livros de Jules Verne, não é raro que estas estejam acompanhadas de uma breve descrição da trama ou de uma crítica, com frequência, positiva. Nessas descrições ou críticas formulam-se, mesmo que de maneira indireta ou sem realce, indicações sobre o gênero que Jules Verne praticava, delineiam-se traços dos objetivos instrutivos ao se proceder à leitura de um romance de Verne e

menciona-se o público leitor. Quando o *Publicador Maranhense* anuncia *Cinco semanas num balão* em 24 de fevereiro de 1874, não deixa de mencionar implicitamente a relação interdiscursiva que se estabelece no romance entre a Literatura, a Ciência e a História com a menção dos nomes de verdadeiros viajantes exploradores da África ligados ao do fictício Dr. Fergusson:

E depois de mil peripécias e aventuras, como é fácil imaginar e fora longo enumerar, o que não se compadece com a natureza de um esboço a *vol des oiseaux*, voltou o Dr. Fergusson a Londres acompanhado do seu fiel amigo e dedicado servo tendo realizado, como era seu intento, a verificação exata dos fatos e observações geográficas coligadas pelos Srs. Barth, Burton e Speke.

Reforçando o caráter instrutivo geográfico do romance *Michel Strogoff* (1876), o jornal carioca *O Mercantil* de 11 de fevereiro de 1877 define que “como todos os romances do mesmo autor, abunda uma interessantíssima narrativa, cheia de peripécias que impressionam grandemente o leitor ao passo que lhe ministram muitas lições geográficas.” O mesmo jornal, sobre o mesmo romance, elabora uma crítica de duas colunas na primeira página em 14 de outubro de 1876, situando a trama na esteira da vulgarização científica, felicitando a presença da dominante descritiva e mencionando a primeira via de publicação do romance na França, que o vincula ao público juvenil:

Acaba de sair da casa Garnier a versão feita por Fortúnio da primeira parte do romance derradeiro do fértil e popular escritor Jules Verne que, nesses tempos últimos, mais há esforçado-se para a vulgarização da ciência [...] Salvo a parte dramática ou verdadeiramente romântica do livro, e que no entanto é cheia de interesse e repleta de episódios espirituosos, há em tudo a mais perfeita exatidão e completa verdade. O fim de Verne é vulgarizar a ciência, e isso ele consegue prendendo a atenção do leitor pois não entra em longas dissertações teóricas, pouco cabidas, em livros de leituras fugitivas e feitos para serem compreendidos por todos. É digno de elogio a rapidez com que o infatigável e laborioso Sr. Garnier fez verter este volume para a nossa língua. Apenas há mui pouco tempo acabou a publicação da primeira parte deste romance científico no *Magasin d'Éducation* e depois saiu em livro da casa de Hetzel [...]

O caráter instrutivo do romance *O Raio Verde* (1882) é ressaltado na publicação de *O Apóstolo* de 24 de janeiro de 1883: “Recebemos e já lemos o último romance de Jules Verne, o *Raio Verde*, que nos foi oferecido pelo editor, o Sr. Garnier. É sempre no mesmo estilo instrutivo e ameno. Agradecemos.” No mesmo sentido o *Cidade do Rio* de 31 de janeiro de 1899 publica crítica ao romance *O soberbo Orenoque* (1898) e afirma que a trama é “pretexto para

descrições geográficas, para a vulgarização dos conhecimentos sobre a fauna e a flora da América do Sul”.

Outros exemplos também extraídos do mesmo tipo de notícia mostram mais evidentemente dados sobre o gênero e o público leitor de Jules Verne no Brasil. Indicando que o autor é referência no gênero já em 1876 e, portanto, podendo ser “copiado” por outros escritores, para falar da publicação de *A conquista do ar* do escritor francês Alphonse Brown (1841-1902), o *Mercantil* de 18 de agosto de 1876, insistindo no caráter instrutivo e científico dos romances, lança: “Como nos livros de Verne, vai o autor iniciando os leitores em assuntos científicos, assim coloca na boca de seus personagens a discussão dos diferentes modos de navegação aérea [...] descreve geograficamente os países do itinerário de seu herói”.

Em tom bastante elogioso, o jornal carioca *Imprensa Industrial* de 10 de outubro de 1876, qualificando Jules Verne como “um espirituoso escritor muito ao corrente dos conhecimentos de seu tempo”, atribui como mérito eminente do autor “saber realizar a transição entre o real e o imaginário que é tão habilmente conduzida que é por vezes difícil determinar o ponto em que acaba a realidade e em que começa o impossível”.

Também elogiando o estilo de Jules Verne, comparando-o a Alexandre Dumas e opondo sua literatura a de Flaubert, afim de evidenciar a “utilidade” do romance, o diário carioca *Ilustração Brasileira* de 15 de outubro de 1876 noticiou a publicação de *Michel Strogoff* pela Garnier, testemunhando o sucesso de vendas autor no Brasil:

Como na Europa, tem tido aqui um grande sucesso tudo o que escreve esse vulgarizador da ciência por meio de leituras amenas [...] É possível, conforme pensa o crítico muito pessimista, que a ciência como ensinada nos romances de Verne, seja tão verdadeira como a história dos romances de Alexandre Dumas, mas é inegável que, afora as exagerações de um e de outro, nesses livros lucra-se mais do que nos romances realistas de Flaubert, e do que em outras leituras que nem são tão agradáveis, nem úteis.

Assim como as notícias do *Imprensa Industrial* e do *Ilustração Brasileira*, duas outras de *O Apóstolo* também sublinham a relação interdiscursiva entre a Literatura e a Ciência na obra de Jules Verne, mas criticando-a fortemente, num tom moralizante. Nelas, nota-se uma crítica ao caráter laico da obra de Jules Verne que objetivava completar o ensino da escola pública, laica e republicana – política editorial declarada no projeto de Hetzel à qual Jules Verne adere. Em 24

de outubro de 1877, na rubrica “Seção Literária – Bons e maus livros”, *O Apóstolo* afirma:

Um livro mau basta-lhe esse simples qualificativo para dever ser logo, logo, condenado a nossa execração. [...] Naquelas páginas douradas, muitas vezes alinhadas com ornamentos capciosos de uma estudada eloquência, oculta-se um corrosivo mortal debaixo de formas agradáveis aos sentidos, assim como entre os homens o detestável vício debaixo da capa da hipocrisia. [...] Se um marinheiro, numa linguagem rude e despojada de enfeites oratórios nos disser que chegou a tocar com os dedos a extremidade do eixo do globo no polo boreal, não o acreditamos, mas se em vez desse vier um Jules Verne afirmar-nos que teve uma conferência científica com um matemático lunar, curvamos a cabeça imbecilmente convencidos, e damos foros de verdade a uma tão disparatada afirmativa. O perigo não está tanto na história em si, como na maneira de a contar. As doutrinas mais torpes e detestáveis são para nós um código de preceitos aceitáveis se expandidas em aparatoso estilo e revestidas de imagens bonitas. Hoje mais do que nunca, periga a boa-fé do leitor, se comete a indiscrição de se entregar às más leituras recomendadas pela moda. Estamos no século das lantejoulas como afirma sensatamente o Padre Senna Freitas [...] A bíblia caiu desastrosamente como uma coisa absoluta, aniquilada pelo braço de Robespierre, Marat e Danton! Hoje só é bom aquilo que é bonito.”

Na crítica de 13 de julho de 1883 de *O Apóstolo*, é mais claro o posicionamento do jornal em relação ao estilo de Verne que se vale da ciência para ficcionalizar. Acusando Verne de ser um vulgarizador, o jornal aconselha os leitores a abandonar os romances científicos por serem inúteis e nocivos:

Como vulgarizadores da ciência não se devem ainda procurar os romances. A ciência tem por objeto conhecimentos profundos, ideias certas, demonstradas, daquilo que pretendemos compreender afim de ilustrar-nos. O romance tem fim diverso. Embora semeie noções científicas, estas são mescladas de probabilidades arrojadas, de ideias problemáticas, de demonstrações superficiais. Abandonar, pois, os veículos certos – tratados científicos, enciclopédias populares – e buscar ciência na fonte envenenada dos romances é ilusão, ou pelo menos, é não querer verdadeiramente instruir-se. Jules Verne, feliz e engenhoso ideólogo, tem escrito muito. São populares os seus livros e ninguém mais do que ele respeita a decência e o decoro de seus leitores. Porém, o que de extraordinário se encontra em suas narrativas que não se ache na mais elementar sinopse da ciência que se queira estudar? E não será nocivo ao novel leitor acreditar que são conceitos românticos aquelas mesmas noções que o autor tanto se esforçou em demonstrá-las como verdadeiras? Abandonemos, pois, esses romances por inúteis e nocivos.

Embora o jornal faça críticas bastante negativas, continuará anunciando e comercializando os romances de Verne na Livraria Católica, situada no mesmo endereço da sua redação.

Todos esses dados que vinculam os romances de Verne a um caráter instrutivo e divertido, ou que etiquetam Verne como vulgarizador científico, já seriam suficientes para nos fazer inferir seu efetivo público leitor no Brasil. Uma outra referência a seu nome foi encontrada no diário *Cidade do Rio* em 5 de novembro de 1901 e aponta mais diretamente para esse perfil. Distante das primeiras décadas de circulação da obra de Verne no Brasil, o articulista José

Vario escreve como alguém que vê a longa carreira do celebrado autor com um saudosismo dos tempos de sua juventude. Além de delimitar claramente o público leitor de Jules Verne durante os anos anteriores, fala da popularidade do autor e noticia sua cegueira:

Jules Verne. Aqui está um nome que toda gente conhece, um homem a quem todo o mundo que lê deve, pelo menos, o favor de umas poucas horas passadas num alheamento completo das misérias do mundo, a galopar doidamente pelos verdes, magníficos campos do irreal, no ardego corcel de Dona Fantasia.

Quem há que, nos seus primeiros anos de leitor, não tenha devorado avidamente, interessadamente, numa ânsia de chegar ao fim do derradeiro volume, os livros maravilhosos de Jules Verne? Quem não terá perdido noites e noites a viajar delicadamente com Philleas Fogg, a rir com as partidas de Passepartout, a passar trabalhos com Mathias Sandorf, a navegar com o capitão Grant, a tomar no peito as apostas de Kériban, a ver o fundo do mar com o capitão Nemo, a viver enfim um pouco a vida maravilhosa e complicada de milhares de tipos extraordinários que a imaginação ardente do grande sonhador criou [...]

Dos 13 aos 17 anos Jules Verne foi por força o homem de todos nós. Dêssemos outros autores, fossem eles os mais célebres do mundo, e trocaríamos todos os seus livros por um volume qualquer de Jules Verne.

Ele era o nosso ídolo. Nos seus livros nossas almas se deleitavam, viam compreendidos os seus arroubos, infantis e juvenis, os seus devaneios tresloucados, os voos desvairados das nossas imaginações exaltadas. [...]

Pois é esse Jules Verne, esse amigo de uma época amada de nossa vida, uma época muito saudosa, que está agora impossibilitado de trabalhar. Uma catarata crudelíssima apagou a luz daqueles olhos visionários. Já não vê, Jules Verne. Que horrível suplício. Cegar! [...] Pobre Jules Verne! Como te há de doer essa cegueira, agora que Dumont anda a dominar Paris com seu balão – o teu sonho feito realidade!

Nota-se aqui, além do aspecto visionário da obra de Verne pela associação com Santos Dumont, a delimitação do público leitor de Jules Verne no Brasil na segunda metade do século XIX. Essa ideia pode ser reforçada pelo ano da publicação da notícia: 1901, quando Verne já tem, na França e no Brasil, carreira consolidada e suficientemente conhecida.

3. Alusão a temas, personagens e títulos vernianos

A circulação do nome de Jules Verne no Brasil é tão ampla que, ao somarmos as ocorrências citadas no quadro apresentado anteriormente, temos mais de 3500 menções a seu nome no período que vai de 1867, data da primeira notícia, a 1905 com as notícias sobre sua morte. Além disso, a larga difusão dos seus romances pela editora Garnier e também a venda em outras livrarias permitem afirmar que sua vida e obra passam a ser conhecidas no Brasil a tal ponto que podem ser citadas em contextos outros que não literários. A alusão a

temas, personagens e títulos de romances de Jules Verne é bastante frequente nos jornais brasileiros.

As primeiras ocorrências desse tipo datam de 1876 e vão até 1897. Por exemplo, ao publicar uma notícia sobre testes de tiros de canhão em couraças de navios italianos cujas chapas de ferro eram de tão alta qualidade que suportaram os projéteis, *O Apóstolo* do Rio de Janeiro de 24 de dezembro de 1876 intitula a notícia de “Jules Verne justificado” e afirma que, com este feito, “o ideal de Jules Verne está quase realizado.” Vê-se aqui o embrião da imagem de Jules Verne como visionário, um homem à frente de seu tempo, capaz de inventar máquinas, materiais e antever fenômenos naturais. O jornal do Maranhão *O Publicador Maranhense* de 16 de fevereiro de 1878 também se posiciona nesse sentido. Na rubrica “Noticiário”, sob o título “Vinte mil léguas submarinas”, afirma que “A viagem submarina intentada por Nemo e narrada por Jules Verne já produziu resultados práticos”. Depois do título e dessa breve introdução aludindo ao personagem da obra de Verne, a notícia segue anunciando que um grego propôs ao governo otomano “a construção de um vapor contra torpedos, podendo elevar-se ou afundar-se. Iluminado pela luz elétrica [...] a equipagem viveria em uma atmosfera artificial, mantida sempre no mesmo estado normal pela absorção continuada de gás carbônico e outros gases”.

No *Publicador Maranhense* de 31 de outubro de 1878, em notícia sobre o uso de aeróstatos em explorações, o romance *Cinco semanas num balão* é lembrado. A notícia “Em balão ao Polo Norte”, além de descrever um projeto de viagem que excede em temeridade o emprego de aeróstatos, associa o nome de Verne ao de Edgar Allan Poe e, implicitamente, os enquadra no gênero da literatura de viagens e de aventura: “Logo espalhou-se a notícia deste audacioso projeto, não houve quem não fosse tentado a acreditar numa dessas narrativas de travessia aérea do Atlântico de que nos fala Edgar Poe ou Jules Verne nas *Cinco semanas num balão*”.

Na tentativa de conferir caráter extraordinário ao feito do “Senhor Caio”, graças a quem choveu nas terras secas de Baturité, no Ceará, o jornal *Pedro II* de 20 de janeiro de 1889 alude ao nome de Jules Verne e menciona o tema do romance *Da Terra à Lua* (1865):

A terra de Baturité está tão seca como qualquer parte do sertão cearense [...] Dizer o contrário é faltar a verdade. Pois bem: o escritor do jornal, qual outro Jules Verne que põe em contato alguns americanos com a lua, não trepidou em dizer que o Sr. Caio soube abrandar o destino, e este enviou chuvas a Baturité.

O caráter profético que se atribui a Verne vai se transformar talvez no maior clichê que envolve o nome do autor no século XX. Notícias como a inauguração da estrada de ferro siberiana que liga Londres à capital russa, passando por Berlim, contribuem para a criação desse clichê. Em *O Apóstolo* de 27 de maio de 1896 temos: “Oh! Jules Verne! os teus sonhos vão se realizando [...] a volta ao mundo em 40 dias!” aludindo ao título do famoso romance de 1873. A notícia “A Ilha misteriosa” do diário *Cidade do Rio* de 15 de junho de 1897 usa a referência ao romance de Verne de 1875 como isca para chamar a atenção do leitor: “Não, não é a Jules Verne que nos referimos, mas sim a Ilha Falcão [...]”.

Além desses títulos, outro romance é evocado através da citação do nome e das características de um personagem de Verne. Em notícia sobre o “pernicioso” Antônio Conselheiro, personagem da história do Brasil e líder do Arraial de Canudos, na Bahia, onde morreu em setembro de 1897, o jornal *Cidade do Rio* de 6 de março de 1897 o compara a Kéraban, um vendedor de tabaco, orgulhoso, personagem do romance *Kéraban, o teimoso* (1883), pela semelhança de seus traços morais: “Antônio Conselheiro é um cabeçudo que pode rivalizar com o célebre e teimoso Kéraban de Jules Verne: não é homem a quem o insucesso desanime e por tal forma convenceu-se que está no seu papel e é o executor de uma vontade divina”.

Esse tipo de notícia prova que os personagens vernianos são suficientemente conhecidos no Brasil para serem transformados em referência e citados sem que haja perda de sentido para o leitor. Com as outras notícias que dizem respeito a feitos reais, percebemos que o perfil de um autor visionário é um efeito de recepção. Isso quer dizer que a imagem daquele que prevê os mais diversos tipos de acontecimentos, sobretudo no campo industrial e científico, também está sendo paulatinamente criada no imaginário do leitor brasileiro, seja ele jovem ou adulto.

4. Curiosidades ou notícias biográficas

Na pesquisa de fontes primárias, encontramos igualmente referências a dados biográficos no período de 1875 a 1893. A primeira delas, noticiada no diário *Publicador Maranhense* do Maranhão em 12 de junho de 1875, é, além da mais longa, a única referência que menciona o início da trajetória de Jules Verne no campo literário francês. Com o objetivo de noticiar a primeira adaptação de Jules Verne para o teatro francês com a colaboração do romancista e dramaturgo Adolphe d'Ennery (1811-1899) – *A volta ao mundo em 80 dias* encenada no Théâtre de la Porte Saint-Martin de 7 novembro de 1874 a 1879 –, em tom de narrativa talvez por fazer parte da rubrica *Variedade*, a notícia trata do primeiro emprego de Jules Verne como secretário no Théâtre Lyrique e depois na Bolsa de Valores de Paris, dos primeiros contatos de Verne com Alexandre Dumas Filho e da parceria dos dois para a escrita da peça *Les Pailles rompues*. Além disso, discorre sobre a publicação de novelas no periódico *Musée des Familles* e a publicação de “vários romances em diversos jornais [...] que obtiveram uma grande popularidade, imprimindo-se delas numerosas edições”. Depois da notícia sobre o início da trajetória de Verne no campo literário, lê-se um retrato do autor comparando-o a Alfred de Musset, “mas sem o aspecto melancólico e um tanto enfermo do grande poeta”; ou seja, estabelece-se implicitamente, no Brasil, uma relação entre o teatro de Verne e o de Musset. No entanto, não se cogita, na França da época de Verne, uma semelhança artística, estilística, tampouco física entre Jules Verne e Musset. Sabe-se hoje que, nas suas tentativas de inserção no campo literário, o jovem Jules Verne inspirava-se nos românticos, sobretudo em Victor Hugo e em Musset. De 1851 a 1855, Verne escreve a comédia em versos *Monna Lisa*, mas somente em 1973 André Touttain publica o texto dramático no *Cahier l'Herne*, afirmando ser uma peça escrita “ao gosto das peças de Musset” (TOUTTAIN, 1974, p. 23). Logo, a relação estabelecida entre os escritores no jornal brasileiro em 1875 aponta para a necessidade de maiores investigações sobre o texto *Monna Lisa*, já que, na França, acredita-se que esse texto nunca havia sido encenado nem publicado.

A mesma notícia do *Publicador Maranhense* de junho 1875 traz detalhes da vida particular de Verne, como a posse de um barco e as viagens com seu irmão

Paul Verne. O conteúdo da notícia, que ocupa quase duas colunas da segunda página do jornal, pode ter a veracidade verificada em qualquer biografia atual do autor, o que difere da segunda notícia encontrada no mesmo jornal na seção *Noticiário* de 6 de fevereiro de 1876. Com o objetivo de informar sobre os pequenos ganhos de Verne com os direitos autorais e dar conta do grau de popularidade da peça *A Volta ao mundo em 80 dias* na França, o jornal inicia a notícia com a informação de que “Jules Verne tivera tentações na sua mocidade de ir para a Austrália ou para a Califórnia procurar ouro” e caso o tivesse feito,

[...] o escritor teria trazido mais novelas do que pepitas. Não levou a cabo sua ideia, e fez bem, porque a mina de ouro da *Volta ao mundo* é mais produtiva e segura do que as que existem em qualquer daqueles países. No entretanto, parece que Jules Verne só recebe uma pequena parte dos direitos do autor da *Volta ao mundo*. De 12% que produz a obra, 8 são para o Senhor d'Ennery, 1 para o Senhor Cadol que também colaborou, 1 para o Senhor Najac e só 2% para Jules Verne. O motivo desta desproporção é que se ignora.

A mesma falta de credibilidade pode ser dada à notícia de 8 de março de 1876, publicada no jornal de Fortaleza *A Constituição*, que trata das “várias discussões que têm acontecido na imprensa estrangeira sobre nacionalidade de Jules Verne”:

Os eslavos reclamam para si a glória do famoso romancista, que até agora se passava por francês. O *Narodny List* reproduz um artigo do diário de Varsóvia, o *Wick*, que reclama positivamente para a nação polaca a honra de ter por filho Jules Verne. “Jules Verne, diz este jornal, chama-se Julius Olszervié e nasceu em Plock, onde vive um seu irmão.” O fato é, acrescenta o *Narodny*, que o apelido Verne é a tradução exata da palavra eslava *Olse*.

Em 1876, esse tipo de notícia denuncia a popularidade em torno do nome de Jules Verne na imprensa brasileira, que se revela também em 31 de janeiro de 1877, na *Seção noticiosa* do jornal *O Apóstolo* que traz o subtítulo “Uma notícia curiosa. A idade dos principais escritores franceses contemporâneos”, na qual, seguido de Alexandre Dumas (53), Charles Monselet (51), vemos figurar o nome de Jules Verne acompanhado de sua idade à época: 50.

A circulação transatlântica de impressos e ideias em seu processo de globalização também pode ser reiterada com a rapidez com que foi noticiado o atentado que Verne sofreu em 9 de março de 1886. Seu sobrinho Gaston disparou um tiro contra o autor quando este chegava à casa, em Amiens. O tiro que o atingiu no tornozelo deixou-o coxo nos seus últimos dezenove anos de vida. Não se sabe por que seu sobrinho tenha cometido o atentado, mas ele foi

considerado louco e internado até o final da vida (BUTCHER, 2006, p. 277-278). Os leitores cariocas puderam ter essa notícia menos de um mês depois do acontecido. O *Apóstolo* de 2 de abril de 1886 afirma em “Notícias diversas” que “o popular romancista Jules Verne foi vítima de um atentado. Seu sobrinho, que padece das faculdades mentais, disparou contra ele um revólver. Jules Verne ficou ferido na perna”.

Além dos jornais brasileiros que constroem uma imagem em torno do nome de Jules Verne, o periódico francês *Le Messager du Brésil*, que circulava no Rio de Janeiro duas vezes por semana, publica em 8 de junho de 1893 a notícia sobre a única candidatura de Verne à Academia Francesa e adianta a impossibilidade de sua aceitação: “Às candidaturas que já foram apresentadas à Academia Francesa para a cadeira de Jules Sandeau, é necessário acrescentar a de Júlio Verne, agora oficial. O Senhor Verne se esforçará provavelmente em vão em sua pequena viagem através do impossível”.

As curiosidades biográficas ou notícias que dizem respeito à carreira de Verne constituem referências que permitem afirmar que havia a circulação do nome de Jules Verne no Brasil e grande interesse por sua pessoa e por sua obra. Aqui, o nome do escritor e seu renome são forjados como os de uma celebridade do seu tempo e, como na imprensa atual, a difusão de notícias que hoje podemos confirmar como sendo falaciosas era muito comum.

5. Conclusão

As ocorrências ao nome e à obra de Jules Verne encontradas ao longo da segunda metade do século XIX e início do século XX em periódicos brasileiros levam à conclusão que o nome de Jules Verne circulava de norte ao sul do Brasil com forte presença no Rio de Janeiro, capital do país à época e sede da editora Garnier.

Embora a primeira notícia que diz respeito ao autor date de 1867 e trate da publicação do romance-folhetim *As Aventuras do Capitão Hatteras no polo Norte* na seção “Literatura” do diário *Jornal do Brasil*, seu nome e obra se tornam mais popularmente conhecidos pelos romances em volume, mais difundidos a partir de 1874 sob a edição e tradução da casa Garnier. As fontes indicam, no entanto, que

a editora Garnier talvez não detivesse a exclusividade na tradução e edição dos romances, como vimos através da existência da Livraria Católica e do trabalho de outro tradutor não vinculado à casa Garnier.

Por volta de 1874, o nome do escritor e sua obra já são suficientemente conhecidos no Brasil. Não raro os vemos citados em contextos diferentes, não necessariamente ligados à literatura. A imagem de autor gerada com base na análise desse tipo de notícia é a de um escritor célebre, cuja vida e obra interessam ao público brasileiro e merecem ser divulgadas. À medida que o século avança, torna-se mais frequente o vínculo do nome de Jules Verne à imagem do artista visionário, profético, que tem suas invenções romanescas realizadas na vida quotidiana. Essa associação se tornará um clichê e perdurará ao longo do século XX e XXI, constituindo uma das características mais citadas por especialistas e não especialistas na obra de Verne. Atrelado a essa imagem, o gênero literário criado por Jules Verne poderá ser delineado: trata-se um autor que torna os feitos e as descobertas da ciência palatáveis, transformando-os em literatura para jovens. Essa característica se desdobrará no século XX como uma outra largamente difundida: Verne é o “pai” da ficção científica, gênero para o qual escreve quase exclusivamente, a fim de agradar e instruir jovens leitores.

Para além do material apresentado, foram igualmente encontrados outros tipos de ocorrências que dizem respeito à obra de Jules Verne no período proposto: circulação de romances-folhetim, críticas negativas ou positivas a romances e/ou traduções, anúncio de adaptações teatrais no Brasil e notícias de obituário que, frequentemente, enumeram aspectos da vida e características do autor e sua obra, mostrando sua importância e inserção na sociedade brasileira. Essas notícias, veiculadas nos periódicos brasileiros dos oitocentos, reiteram a ideia de que o nome de Jules Verne e a circulação da sua obra no Brasil constituiriam um elemento importante na formação da literatura juvenil brasileira, o que só se consolidará efetivamente no início do século XX. Tendo eminentemente um público leitor juvenil e circulando desde 1867 em terras brasileiras, a obra de Verne teria preparado o terreno para a produção literária juvenil nacional, sobretudo na formação de um público leitor ávido de aventuras.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. **A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX.** Projeto de Pesquisa desenvolvido pelo Apoio da FAPESP, 2011.

<http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/45121/a-circulacao-transatlantica-dos-impressos-aglobalizacao-da-cultura-no-seculo-xix/>

BUTCHER, William. **Jules Verne - The definitive biography.** Nova York: Thunder's Mouth Press, 2006.

COMPÈRE, Daniel; MARGOT, Jean-Michel. **Entretiens avec Jules Verne.** Genève: Slatkine, 1998.

DUSSEAU, Joëlle. **Jules Verne.** Paris: Perrin, 2005.

JOYEUX-PRUNEL, Béatrice. **Les transferts culturels. Un discours de la méthode.** In: *Hypothèses*. 2012/1, p. 151-152.

KALIFA, Dominique ; RÉGNIER, Philippe ; THÉRENTY, Marie-Ève & VAILLANT Alain (dir.). **La civilisation du journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle.** Paris: Nouveau monde, 2011.

LEÃO, Andréa Borges. **Vamos ao Brasil com Jules Verne? Processos editoriais e civilização nas *Voyages extraordinaires*.** In: *Revista Sociedade e Estado* [online]. Vol. 27, nº 3 – Set/Dez 2012, p. 494-517.

TOUTTAIN, Pierre-André. (dir.) Cahier l'Herne. **Jules Verne.** Paris: 25 Éditions de l'Herne, 1974.

Jornais consultados em <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>

A Regeneração, 12 janeiro de 1882, nº 2 e 10 de dezembro de 1882, nº 96.

Cidade do Rio, 6 de março de 1897, nº 65; 15 de junho de 1897, nº 153; 31 de janeiro de 1899, nº 29 e 5 de novembro de 1901, nº 33.

Ilustração Brasileira, 15 de outubro de 1876, nº8.

Imprensa Industrial, 10 de outubro de 1876, nº 1.

Jornal do Amazonas, 15 de março de 1877, nº 169.

Jornal do Brazil, 23 de janeiro de 1867, nº2.

Le Messager du Brésil, 8 de junho de 1893, nº 327.

Mercantil, 18 de agosto de 1876, nº 90; 14 de outubro de 1876, nº 79 e 11 de fevereiro de 1877, nº 16.

O Apóstolo, 24 de dezembro de 1876, nº 135; 31 de janeiro de 1877, nº 11; 24 de outubro de 1877, nº 122; 5 de abril de 1878, nº 39; 24 de janeiro de 1883, nº 8; 13 de julho de 1883, nº 78; 2 de abril de 1886, nº 38; 1 de abril de 1887, nº 39 e 27 de maio de 1896, nº 62.

Pedro II, 20 de janeiro de 1889, nº 9.

Publicador Maranhense, 24 de fevereiro de 1874, nº 44; 18 de outubro de 1874, nº 236; 24 de fevereiro de 1874, nº 44; 12 de junho de 1875, nº133; 6 de fevereiro de 1876, nº 29; 16 de fevereiro de 1878, nº 39 e 31 de outubro de 1878, nº 250.

Artigo recebido em: 12 de agosto de 2014

Artigo aprovado em: 30 de setembro de 2014

Sobre os autores:

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina é doutor em Letras Neolatinas e Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas áreas de atuação são literatura francesa, campo literário, naturalismo, decadentismo, relações entre a pintura e a literatura. Membro do comitê da Société Huysmans (Paris), publicou vários artigos acadêmicos e, em 2005, o livro *Quadros literários fin-de-siècle; um estudo de Às avessas, de J.-K. Huysmans* (7Letras). Com Celina Mello organizou *Crítica e movimentos estéticos: configurações discursivas do campo literário* (2006) e *Cenas da literatura moderna* (2010) – 7Letras. É líder do grupo de pesquisa ARS (Arte Realidade Sociedade) da FBN, pesquisador do CIAD-Rio e do projeto de cooperação internacional “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”, coordenado por Márcia Abreu (UNICAMP) e Jean-Yves Mollier (UVSQ).

Edmar Guirra é Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da mesma universidade, atual bolsista Capes-PDSE. Participa do grupo de pesquisa ARS (UFRJ/FBN) e atua, principalmente, no tema Jules Verne. É membro da Société Jules Verne. Entre suas publicações, destacam-se os ensaios “As Viagens extraordinárias de Jules Verne: um projeto pedagógico”, no volume organizado por Leonor Werneck, Cristiane Mandanêlo e Rosa Gens do V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil-leitura e crítica, UFRJ, 2008; “Os jardins submersos de Jules Verne: ciência e literatura em Vinte mil léguas submarinas”, *Revista Interfaces* (UFRJ), em 2012; o artigo “Povos primitivos em Les enfants du capitaine Grant, de Jules Verne”, no livro *Cenas da literatura moderna* organizado por Celina Moreira de Mello e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina em 2010, e ainda, a entrevista “Questões sobre tradução a Didier Lamaison”, *Revista Alea* (UFRJ), dez. de 2009.